

A CERCA FERNANDINA NA COLINA DE SANTANA; Presença, Memória e Resignificação como Estratégia de Reabilitação para a Contemporaneidade.

MARTA FELICIANO, Arquitecta, Professora Auxiliar da F.A.U.T.L., amfeliciano@fa.utl.pt
ANTÓNIO LEITE, Arquitecto, Professor Auxiliar da F.A.U.T.L., amleite@fa.utl.pt

Erguida no final do Século XIV pelo Rei D. Fernando para defesa da cidade de Lisboa, a ‘Cerca Fernandina’ constitui-se ainda hoje e apesar da sua aparente invisibilidade como elemento efectivamente presente no quotidiano da cidade. Esta realidade é reforçada pelas diversas ‘dimensões’ da sua presença, presença que poderá ler-se quer em determinadas zonas da cidade nas quais, apesar de já ausente, a ‘Cerca’ constituiu-se como elemento determinante na consolidação de um tecido urbano, quer ao nível de uma efectiva presença e visibilidade de significativos troços construídos da Cerca em determinadas zonas da cidade.

Se no primeiro caso, e apesar da ‘destruição’ ou encobrimento da ‘Cerca’, esta continua a presentir-se na continuidade de determinadas frentes urbanas, na linearidade de alguns eixos viários e no entrecruzar de algumas vias no lugar das antigas ‘Portas’ da ‘Cerca’, no segundo caso a visibilidade efectiva de determinados troços construídos, permite ainda actualmente o activar de uma memória, contribuindo para um tecido urbano mais complexo onde diversos extractos temporais se sedimentam numa experiência e fruição mais criativa da cidade.

Deste modo, reconhecendo a presença da ‘Cerca Fernandina’ enquanto elemento físico e simbólico conformador da realidade física construída da cidade, podemos perspectivar todo um potencial de valor associado não só a um conhecimento mais aprofundado desta realidade, como a uma eventual possibilidade e estratégia de intervenção urbana e arquitectónica nas zonas onde a realidade física da ‘Cerca’ se encontra ainda presente num diálogo com outros extractos de construção, sendo passível de ser activada e reconhecível enquanto estrutura significativa para a cidade.

Assim, uma reflexão sobre o potencial de valor agregado a este elemento passa deste modo por uma leitura situada da ‘Cerca Fernandina’, procurando através de uma síntese histórica redescobrir o percurso da ‘Cerca’ no desenho já consolidado da cidade, entendendo-a no seu propósito construído enquanto realidade emergente no seu tempo com uma determinada funcionalidade e características construtivas, entendendo igualmente o processo de obsolescência e sucessivo ultrapassar da ‘Cerca’ pelos sucessivos períodos de construção da cidade.

Erguida no terceiro quartel do século XIV¹ e culminando um dos principais períodos de construção da ‘cidade medieval’ de Lisboa, a linha de muralhas anteriormente denominada por ‘Cerca Fernandina’ procurou no seu tempo e através da extensão e desenho do seu traçado uma efectiva protecção dos terrenos sucessivamente urbanizados a partir do século XII. Na realidade estes fragmentos de cidade, transbordando os muros da antiga ‘Cerca Moura’ que protegia a ‘Achbounah’² árabe, já não se encontravam efectivamente protegidos, tornando-se necessária a criação de uma nova linha defensiva.

A antiga ‘Cerca Moura’, cujo traçado em planta possuía uma forma aproximadamente trapezoidal e que se manteve como um importante elemento estruturador da consolidação e densificação da ‘Cidade Muçulmana’, começa na realidade a perder a sua importância na nova ‘Cidade Cristã’. De facto, depois de reconquistada a cidade em 1147³, assiste-se à ocupação e urbanização de vastas zonas extra-muros, quer pela manutenção após ocupação dos vários núcleos dos acampamentos do cerco, como seja o caso da colina de S. Francisco, quer pelo progressivo alastrar do antigo núcleo urbano para o actual lugar da Baixa, que com os seus prolongamentos para o Monte de Sant’Ana para Norte e para os montes de S. Roque e S. Francisco para Poente, transformariam decisivamente a forma da cidade. Este progressivo ultrapassar da ‘Cerca Moura’, verificou-se igualmente em relação ao lado Oriental da Cidade, com a origem do Bairro de Alfama e respectivas ramificações para o Monte da Graça a Norte e para o Campo de St.^a Clara na direcção Nascente. Assim aconteceu, natural e organicamente ao longo de duzentos anos, acompanhando a crescente importância da cidade enquanto nova capital do reino bem como o progressivo aumento de população urbana nos últimos séculos da Idade Média, verificando-se a crescente inutilidade da antiga cerca, definitivamente confirmada no assalto e incêndio que um exército de Castela impôs à cidade em 1373.

Face à urgente necessidade de assegurar protecção à população e aos seus respectivos bens perante as novas ameaças de guerra com Castela, e contando o reino com a presença de numerosos operários, inicia-se assim em 1373, por determinação do Rei D. Fernando, a construção de uma nova cerca que envolveria a realidade do povoamento então existente. Esta nova muralha, vulgarmente designada por ‘Cerca Nova’ ou ‘Cerca Fernandina’, encontrar-se-ia passados três anos

¹ Fundamental para o conhecimento e actual releitura do desenho da Cerca Fernandina revela-se o estudo iniciado em 1893 por A. Vieira da Silva relativamente à organização defensiva de Lisboa na Idade Média, estudo no âmbito do qual emerge a sua obra *A Cerca Fernandina de Lisboa*. Para o actual trabalho foi consultada a 2ª. Ed., Vol. I, Câmara Municipal de Lisboa, Lisboa, 1987.

² Segundo A. Vieira da Silva, “...A cerca moura, que limitava a cidade muçulmana de Achbounah, mãe da nossa Lisboa, ocupando o Monte do Castelo de S. Jorge e a sua vertente sul até ao Rio Tejo, tinha em planta a forma vagamente trapezoidal, com os lados paralelos na direcção leste-oeste, e os outros lados convergentes na direcção sul-norte...”; in A. Vieira da SILVA, *A Cerca Fernandina de Lisboa*, 2ª. Ed., Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 1987, Pag.15.

³Referência à campanha de cruzadas cristãs descrita por António Borges Coelho em *O Domínio Germânico e Muçulmano*, in AA.VV. *O Livro de Lisboa*, Coord. Irisalva Moita, 1ª Ed., Lisboa, Livros Horizonte, 1994, Pag. 85.

aparentemente construída na sua maior extensão, abrangendo uma área de 101 hectares, seis vezes a área da antiga 'Cerca Moura'. Englobando os territórios recentemente formados e anexando-os à área primitiva da cidade, a 'Cerca Fernandina', na sua sucessão de muralhas e torres, encontrava-se parcialmente subdividida em vários troços; troços designados por Troço Ocidental, Troço Oriental e os Troços Marginais ou Fluviais, desenvolvendo-se estes últimos ao longo do Rio Tejo, completando-se com o Troço Meridional da antiga 'Cerca Moura' e com o Troço Setentrional do Castelo de S. Jorge.

Apoiando-se nas primitivas linhas de defesa do coração da cidade, o Troço Ocidental da 'Cerca Nova' começava no castelo de S. Jorge e ia descendo até ao Vale da Mouraria, atravessando-o no sítio do actual Martim Moniz, subindo então a encosta do Monte de Sant'Ana, transpondo a actual Calçada, onde se abria a denominada 'Porta de Sant'Ana'. A partir deste local, a nova muralha desenvolvia-se em direcção ao actual vale da Avenida da Liberdade, vale que atravessava no sítio da Travessa do Forno do Tijolo e Praça D. João da Câmara. A partir deste local a muralha desenvolvia-se na direcção da colina mais próxima de forma a encerrar os novos bairros recém formados, assim como conquistando importantes pontos estratégicos para a defesa da cidade, atingindo deste modo o actual Largo de S. Roque e a partir dele iniciando o percurso descendente em direcção ao Rio.

Desenvolvendo-se paralelamente ao leito do Rio, o Troço Marginal Ocidental da 'Cerca' definia a direcção daquela que hoje, ao longo da sua via marginal, se constitui como importante via de entrada na cidade. Ultrapassado o Vale da Baixa sensivelmente no local da actual Praça do Comércio, a 'Cerca Fernandina' vinha finalmente inserir-se nas muralhas da antiga 'Cerca Moura', englobando na totalidade do seu Troço Ocidental uma área de aproximadamente 61 hectares. O Troço Oriental tinha igualmente a sua génese a partir do Castelo de S. Jorge. A partir deste sítio genético a 'Cerca Fernandina' descia então pela encosta, desenvolvendo-se em direcção do Monte da Graça onde alcançava pelo conjunto da sua estrutura uma posição estratégica na defesa do interior da cidade. Pela vertente oriental deste mesmo monte descia a 'Cerca' em direcção ao Rio, atravessando terras do Mosteiro de S. Vicente até ao sítio do actual Largo do Museu de Artilharia (antigo Arsenal Militar). Neste ponto a 'Cerca' inflectia através de um ângulo quase recto, desenvolvendo-se para Poente ao longo do Rio e completando desta forma o Troço Oriental da nova 'Cerca', que, com os seus 26 hectares de nova área anexada, se ia ligar à antiga Torre de Alfama.

De importância preponderante para a morfologia da Cidade, a nova superfície territorial compreendida pelo desenho destas novas muralhas passava a abranger então uma área de 88 hectares, vindo a aumentar significativamente a superfície defendida pela anterior 'Cerca Moura' que apenas abrangia cerca de 16 hectares, e os seus novos 5400 metros de muralhas, guardados pelas suas 77 Torres, onde se abriam 11 Portas para terrenos até então praticamente despovoados,

seriam determinantes e estruturadores para o futuro crescimento urbano de Lisboa, crescimento esse que tenderá durante séculos a processar-se em função destas mesmas Portas e estradas que para elas convergem.

Tendo em conta o importante papel defensivo da nova 'Cerca', todo o processo associado ao seu desenho e planificação construtiva revelou-se particularmente coerente. Deste modo, as muralhas da nova 'Cerca' teriam aproximadamente uma altura média de 8 metros, variando a sua espessura consoante a maior ou menor vulnerabilidade que então se atribuía aos diferentes locais da cidade, sendo de modo geral os vários troços da 'Cerca' constituídos por muros de alvenaria maciça com uma espessura de cerca de 1,75 m, existindo no entanto numerosos fragmentos cuja espessura seria de aproximadamente 2,20 m e que seriam obtidos através de dois muros de alvenaria paralelos, com cerca de 0,50 m, cujo intervalo seria preenchido com taipa muito calcada.

Guarnecida de ameias pelo lado exterior, a parte superior das muralhas, designada por 'adarve', 'andaime' ou simplesmente passagem ou serventia⁴, encontrava em alguns casos uma disposição em escadaria, exigida pela topografia acidentada da cidade com os seus consequentes e acentuados desníveis, desníveis que a 'Cerca' necessitava de vencer para tornar facilmente percorrível o seu percurso superior. De disposição variável consoante as características dos locais, o acesso ao adarve fazia-se geralmente através de uma escada de pedra que encostada à muralha ou colocada perpendicularmente à mesma concretizava o acesso físico ao 'Caminho de Ronda' da cidade.

Em estreita coordenação com os vários troços das muralhas, as Torres e Cubelos⁵ da 'Cerca', assumiam de forma individualizada um papel determinante enquanto elementos fundamentais de defesa da cidade. As grandes dimensões das Torres, tanto em secção horizontal (aproximadamente 8 x 8 m) como em altura (chegando em alguns casos até aos 15 m), transformavam-nas em importantes postos de defesa, postos que devido à sua localização, geralmente colocados em superiores pontos estratégicos, não só permitiam posições de defesa extremamente favoráveis no caso de um assalto às muralhas, como também permitiam o controlo visual efectivo de todo o espaço e manobras dos exércitos inimigos. Constituídas na sua maior parte por um enorme volume maciço de alvenaria, as Torres possuíam terraços ou eirados, guarnecidos de ameias, que viriam a ser retiradas aquando da instalação de 'peças de fogo' (provavelmente no princípio do século XVI), terraços estes servidos por uma escada de acesso, que geralmente permitia também o acesso aos troços de muralhas adjacentes. A função desempenhada pelos Cubelos consistia numa efectiva consolidação dos segmentos da 'Cerca', emergindo em determinados pontos que registavam

⁴Expressões utilizadas por A. Vieira da Silva in *A Cerca Fernandina de Lisboa*, 2ª. Ed., Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 1987, Pag. 19.

⁵ Expressões utilizadas por A. Vieira da Silva in *A Cerca Fernandina de Lisboa*, 2ª. Ed., Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 1987, Pag. 19.

inflexões devido à topografia dos lugares. De dimensões mais reduzidas do que as torres, aproximadamente 5 x 5 m de secção horizontal, eram na sua maior parte constituídos por volumes maciços, que adjacentes à muralha, raramente ultrapassavam a sua altura, sendo apenas visíveis apenas três dos seus paramentos.

Usufruindo geralmente da protecção de duas Torres laterais, as 'Portas' de serventia ou entrada na cidade eram por vezes constituídas por uma quadra ou recinto rectangular murado, com um ou dois vãos de porta nos seus muros anterior e posterior, usufruindo também da protecção do símbolo religioso que mais próximo existia (igreja, convento ou imagem votiva) e que geralmente lhe dava o nome. Posicionadas segundo a primitiva rede viária de Lisboa, as 'Portas' respeitavam desta forma as mais importantes vias de acesso que ao longo dos anos se haviam consolidado na sua função de acessibilidade à cidade. De menor importância na estrutura viária existente, os Postigos consistiam geralmente em simples vãos abertos nas muralhas com portas em madeira, posicionados no entanto na proximidade de uma Torre ou Cubelo para evidente aumento das possibilidades de controlo e segurança destes pontos de descontinuidade da muralha.

Um outro elemento caracterizador do sistema espacial e funcional da 'Cerca Fernandina', quer pela sua repetição quer pela sua extensão, era a barbacã, faixa de terreno adjacente que do lado de fora das muralhas era limitada por um muro baixo ou paliçada, espaço que teria uma largura variável aproximando-se no entanto na generalidade dos vários troços de uma largura de 6 metros.

Na globalidade dos vários elementos que compunham este sistema, a 'Cerca Fernandina' procurava dar resposta às ideias que no seu tempo vigoravam acerca da defesa de uma cidade, ajustando-se aos processos construtivos existentes e às solicitações que lhe seriam exigidas pelos conflitos da sua época. Alguns anos após a sua construção, e apesar de o traçado delineado por D. Fernando poder não ser o ideal, ficando os montes de S. Roque e Sant' Ana dominados pelos campos que se estendiam à sua frente e os quais podiam ser atingidos pelos tiros das armas de arremesso então usadas, a 'Cerca' seria testada na sua eficácia no ano de 1384, pela forte resistência que opôs ao exército Castelhana, impedindo o assalto à cidade, e, consequentemente, desempenhando por este facto um importante papel na defesa da independência do Reino nesse momento histórico.

Decorridos três séculos, e em período de domínio da dinastia filipina, constata-se através de uma vistoria efectuada em 1625 às muralhas da fortificação da Cidade, não só alguma urgência na reconstrução de alguns muros e 'Portas' de entrada, como um real crescimento das zonas urbanizadas, zonas que estranguladas pelas antigas muralhas começavam através das suas construções a dar os primeiros passos no sentido de uma apropriação física da 'Cerca' e das faixas de terrenos a ela adjacentes. De facto, inicia-se por esta altura uma prolongada polémica sobre a quem competia o dever da contínua manutenção da 'Cerca', tendo sido estipulado que tal

competência deveria pertencer aos deveres do Município como proprietário do construído, ficando no entanto os proprietários dos prédios confinantes, sujeitos à obrigação da manutenção e reparo das várias serventias da fortificação.

Com a 'Restauração da Independência', o ano de 1650 virá a marcar definitivamente a contínua perda de importância da 'Cerca Fernandina' enquanto estrutura fulcral na defesa da cidade, iniciando-se nesse ano a campanha de obras de fortificação da Capital segundo o 'método de Vauban'⁶, com baluartes de alvenaria e cortinas intermédias também em alvenaria, concentrando-se as despesas na construção desta nova linha de fortificações, o que levaria a um progressivo esquecimento por parte dos governantes da cidade no que diz respeito à manutenção da 'Cerca'. O aparecimento das novas armas e métodos de guerra e as novas ideias sobre fortificações e praças-fortes, perfeitamente assumido na segunda metade do século XVII permite verificar o papel obsoleto da 'Cerca Fernandina' na missão defensiva da Cidade reconhecendo-se como terminada a sua utilidade defensiva.

A partir deste momento e desenrolando-se até aos nossos dias inicia-se então um processo evolutivo de apropriação dos espaços e estruturas construídas da 'Cerca'. Caracterizado inicialmente por uma fase de aforamentos, por parte da Câmara Municipal, dos terrenos adjacentes à 'Cerca' para novas construções, este processo desenvolveu-se depois segundo distintas variações consoante as zonas e respectivos tecidos socioculturais da cidade a que se encontrava adjacente a 'Cerca'. Assim, apesar de na maior parte da extensão edificada da 'Cerca' se ter verificado com o passar do tempo ora uma destruição, ora um processo efectivo de encobrimento e apropriação das muralhas por construções de grandes dimensões, no território da Colina de Sant'Ana podemos ainda actualmente reconhecer um fragmento considerável da 'Cerca Fernandina', fragmento que de modo visível percorre actualmente o espaço entre o Largo do Martim Moniz e a Rua das Portas de Santo Antão.

Caracterizada por uma topografia acidentada e por uma estrutura sociocultural envelhecida e de fracos recursos, o processo de convivência dos territórios sucessivamente urbanizados da Colina de Sant'Ana com a estrutura edificada da 'Cerca' caracterizou-se ao longo dos anos por uma sucessiva ocupação anárquica e saturada dos vários troços da 'Cerca' por construções de pequenas dimensões, que ora encostando-se à mesma, ora ocupando pontualmente determinados fragmentos do caminho de ronda e Torres defensivas, permite ainda actualmente uma considerável continuidade do sistema e relativa visibilidade do mesmo.

Deste modo, possuindo uma localização estratégica no coração da Cidade, o território da Colina de Sant'Ana em grande medida ainda conformado pela presença estruturante da 'Cerca

⁶ Segundo descrição contida na obra de A. Vieira da Silva, *A Cerca Fernandina de Lisboa*, 2ª. Ed., Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 1987, Pag. 31.

Fernandina', tem permanecido ao longo do tempo relativamente esquecido e à margem de intervenções estruturantes, oferecendo-se, agora, como oportunidade para desenvolver uma estratégia de reabilitação que, mais do que focar-se centriptamente sobre a estrita realidade física dos vestígios históricos e iconográficos da Cerca, permita a partir deles projectar o seu amplo significado cultural e de memória, determinando uma estratégia de revitalização social, urbana e arquitectónica que contamine qualitativamente todo um território; isto é, que se potencie, a partir da 'reinvenção' e 'resignificação' de um fragmento esquecido, todo um novo argumento para determinar uma razão estratégica e identitária para a qualificação contemporânea deste território fundamental para a Cidade.

Fontes e Bibliografia

DIAS, Gabriel Palma, *Património Urbano a Classificar - o Caso da Colina de Sant' Ana em Lisboa*, Lisboa, Universidade Técnica de Lisboa.

DUARTE, Carlos; **LAMAS**, José, *Plano de Renovação Urbana da Área do Martim Moniz*, Lisboa, E.P.U.L. - Empresa Pública de Urbanização de Lisboa.

FELICIANO, Ana Marta, **LEITE**, António Santos, *Propostas para uma Reabilitação da Cerca Fernandina na Colina de Sant'Ana*, 1994.

LAMAS, José, *Renovação Urbana do Martim Moniz*, Lisboa, *RV. Arquitectura, Ano IV (4ª Série), n°146, Maio de 1982*.

SILVA, A. Vieira, *A Cerca Fernandina de Lisboa*, Vol. 1, 2ª Ed., Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 1987.

AA.VV., *O Livro de Lisboa*, Coord. Irisalva Moita, 1ª. Ed. Lisboa, Ed. Livros Horizonte, 1994.

AA.VV. *Atlas de Lisboa, A Cidade no Espaço e no Tempo*, Coord. Maria Calado, 1ª. Ed., Lisboa, Contexto Editora Lda., 1993.

AA.VV., *O Chiado, Lisboa - Álvaro Siza e a Estratégia da Memória*, 1ª. Ed., Granada, Junta de Andalucía – Conserjería de Obras Públicas y Transportes, Sociedade Lisboa 94 - Capital Europeia da Cultura, Delegación en Granada del Colegio de Arquitectos, 1984.

RV. Rassegna, *Lisboa*, N° 59, 1ª. Ed., Bologna, Editrice CIPIA srl., 1994.

RV. *Arquitectura*, Ano IV, n°146, (4ª Série), Lisboa, Maio de 1982.

Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa.

Fotografias da autora tiradas entre Maio e Agosto de 1994.